

SHUFFLE

Dramaturgia Luiz Antonio Ribeiro

(criado em processo colaborativo com Gabriel Vaz,
Isadora Petruskas, Julia Bernat e Leandro Romano)

*“Life is random”
e
“Give chance a chance”*

Anúncio do lançamento do iPod Shuffle, 2005

PRÓLOGO

Ainda está tudo praticamente escuro. Apenas algumas luzes como uma fraca contra-luz ou a luz de serviço e o púlpito do iPod estão acesos. Em um letreiro luminoso ao fundo, palavras são exibidas:

Ritmo. Pulso. Pulsação. Levada. Batida. Batuque. Cadência. Dolência. Malemolência. Tambor. O grave. O baixo. A cozinha. Melodia. Harmonia. Linha melódica. Solo. Reef. Base. Estrofe. Refrão. Ponte. C. Tom. Toque. Tic. Clic. Tempo. Metro. Diapasão. Estribilho. Tabladura. Cifra. Acorde. De sétima. De nona. De décima primeira. Décima terceira. Diminuta. Um clássico. Rock, hard rock, pop rock, heavy rock, heavy metal, trash metal, death metal, new metal, hard core, ska, speed metal, rockabilly, rock progressivo, classic rock, punk, grunge, funk, folk, jazz, blues, drum and bass, pop, pop brega, pop mela cueca, sertanejo, sertanejo de raiz, rock do sertão, sertanejo universitário, forró, baião, macacatu, mangue beat, tropicália, jovem guarda, samba, samba de raiz, de breque, canção, funk, rock, de mesa, amaxidado, partido alto, pagode. O baixo, a guitarra, o pandeiro, a bateria, o teclado, o triângulo, o violino, o tímpano, o sax, a zabumba, a flauta, doce, tranversa, o tamborim, a cuíca, o ukulele, o violão, o violão folk, chocalho, tantam, repique, de mão, a gaita. O sopro, a voz, o grito, o sussurro, o chiado, o canto, o cantar, o cantor, o cantado, a canção, a cantiga, o pássaro, o barulho, o som, o ruído, a microfonia, o psiu, o quieto, o surdo, SHUFFLE.

Gabriel – Hoje morreu um velho. Talvez ontem, não se sabe ao certo. Mas nada disso tem importância.

Todas as luzes se acendem.

Gabriel – Aquilo ao fundo é um iPod Shuffle. Pra quem não conhece é um aparelho que toca as músicas no modo aleatório, ou seja, sem qualquer ordem pré-estabelecida ou sem qualquer sequência lógica como cantor, ritmo, álbum, ordem alfabética. Nesse espetáculo que está pra começar, o único que vai manipular o aparelho sou eu e todas as cenas serão subordinadas a partir das músicas que o iPod tocar. Eu aciono o dispositivo, ouço a música e a cena começa. Todo o resto é encenado, ao que parece, mas toda a sorte de fatos inesperados podem acontecer e são bem-vindos. Ah, e como já se disse, “hoje morreu um velho...”

As luzes apagam. Gabriel tenta repetir.

Gabriel – Hoje morreu um...

As luzes apagam novamente. Gabriel tenta de novo.

Gabriel – Hoje morreu...

As luzes apagam pela última vez. Gabriel se rende.

Gabriel – “Shuffle.” Fui sorteado. Ganhei um iPod Shuffle de uma empresa de telefonia porque disseram que sou um consumidor fiel e que pela minha extrema fidelidade ao meu consumo, eu merecia ser premiado. Chegou meu iPod em uma pequena caixa com uma carta dizendo que se eu continuasse assim muitos outros prêmios eu poderia ganhar. O iPod Shuffle...

Uma voz tal qual a do Google Tradutor interrompe Gabriel:

"O iPod shuffle é um leitor de música da série iPod lançado pela Apple Inc.. Ao invés de armazenar os dados em um disco rígido, foi o primeiro iPod a usar uma memória flash. Não possui tela e por isso possui opções limitadas para a navegação entre as faixas das canções: os usuários podem executá-las na ordem definida no iTunes ou em uma ordem aleatória. Os usuários podem configurar o iTunes para que cada vez que o dispositivo for conectado ao computador, o programa preencha o iPod shuffle com uma nova lista aleatória. O iPod shuffle pesa em torno de 22 gramas e seu tamanho é quase o mesmo de uma caixa pequena de goma de mascar. Como o resto da família, o iPod shuffle pode operar como um dispositivo USB de armazenamento em massa."

Gabriel retoma.

Gabriel – Comecei colocando minhas músicas preferidas no aparelho. Sobrou espaço. Coloquei discos preferidos. Sobrou espaço. Coloquei artistas preferidos. Sobrou espaço. Acabou que coloquei toda as músicas que tinha no meu computador e ainda fui baixando mais coisas. Aí não sobrou espaço. Ele estava cheio. Pronto para ser ouvido por mim. Todo dia. O máximo que desse. Até que tive a primeira sensação de que...

Gabriel liga o iPod.

Obs.: A partir de agora, a ordem das cenas será definida pelo iPod Shuffle, como sugere o prólogo.

DOR

Música: *Every Breath You Take (Instrumental)*, The Police

Gabriel anda de um lado para o outro. Está aflito.

Gabriel – É como se estivessem fritando um pedaço da minha carne ou estivessem enfiando estiletes por debaixo da minha pele ou como se eu estivesse sentado no asfalto, sem calças, me apoiando no chão pela coluna, e um carro com uma corda que amarra meus braços acelerasse tudo em um segundo, ou então um trator estivesse asfaltando a minha pele com um enorme rolo compressor que me esquenta e me rasga por inteiro, como se restos de comida e bactérias estivessem por dentro de mim me apodrecendo, como se eu tivesse caído numa chapa de ferro e meu peso me pressionasse pra cima dela e eu não conseguisse sair. E fumaça... Muita fumaça ou então gelo, é isso, gelo, como se esse calor fosse de gelo que sai de dentro de mim e pressiona meus órgãos internos, estômago, baço, vesícula, rim, intestino, até minha veias, artérias, pela derme, pela epiderme, até cuspirem água fervendo pelos poros, como se estivessem retirando uma galinha de dentro do meu cu ou um rotweiller enfiando o canino na minha pele e dando cambalhotas e se torcendo e se retorcendo por sobre mim. A minha vontade é cair na porrada com a primeira pessoa que vejo.

Para a música.

Gabriel – Seu filho da puta, você disse que não ia doer nada! Seu merda, seu bosta! Enfia essa calma no seu cu, porra! Vai rir da cara da tua mãe! Só pra você saber, eu seria capaz de enfiar a porrada em um carro ou numa árvore ou em um ônibus ou numa criança ou em um velho. não era pra doer, não precisava de anestesia, então o que é essa porra, então? Na casa do caralho, seu imbecil! Tem uma porra de uma bola de pus em mim, dá pra entender? Uma bola de pus gigante e eu não consigo me mexer muito e só fico cada vez mais dentro disso tudo que é uma grandíssima merda. Aí eu olho pro lado e o que eu vejo?

A música volta.

Gabriel – Esse olharzinho escroto, Estrela! Esse seu olharzinho de Madre Teresa, achando que salva a vida de todo mundo! Eu estou vendo o espelho! Estou vendo o sofá completamente molhado e um pano cheio de pus e um bisturi imenso que podia perfurar um boi inteiro. Você não acalma nada, você é mais violenta que tudo isso junto.

Mudança de tom.

Gabriel – “Você nasceu de novo”. Eu não sei muito bem o que ele quis dizer, eu dou um sorriso de lado fingindo que é uma piada. Acho que ele quer dizer que eu vou aprender.

A música para de novo. Gabriel começa a abandonar o palco, mas para.

Gabriel – Acho que eu mudei de lugar. Acho que mudei, sei lá, rompi com o espaço-tempo, cheguei numa coisa meio anti-nirvana, o outro lado do nada. Tem até uma coisa... Me dá um desespero muito grande quando ninguém me escuta, eu falo pouco, mas quando eu falo e ninguém responde parece que... eu erro a hora, erro o tempo, erro o lugar e não estou ali. Eu não estou ali. Acho que com os outros é a mesma coisa, acho que as vezes os outros não estão ali.

PERDA

Música: *Candy Shop*, Andrew Bird

De um lado as luzes estão coloridas, do outro brancas. Gabriel vai para o lado colorido.

Gabriel – Eu chamei ela pra sair comigo de novo. Ou foi ela, não sei. Perguntei: ah, o que você vai fazer amanhã? Ela marcou, a gente foi sair. A gente foi dar uma volta, sei lá, passear na praça, no shopping, no museu. A gente está sem fazer nada. Ela pergunta: você não larga isso? Não. O que está tocando? Você não vai gostar. Aí ela começa a falar de música, de um monte de banda aí com nome gringo que eu não conheço direito, mas eu não presto muita atenção no que ela está falando.

Gabriel muda de luz. A música para.

Gabriel – Eu lembro de uma coisa que eu ouvi mais cedo. É sobre um Lunfardo que é um Pokemon. Só que é um Pokemon meio lento que a qualidade, a arma dele, era a paciência. A Lunfa nunca brigava com outros Pokemons, ela vencia porque o outro Pokemon ficava constrangido porque ela tinha muita paciência. Você olhava pra ela e estava tudo bem. Você sabe que todo Pokemon pode evoluir, né? Então, quando você coordenava a Lunfa no joguinho do Pokemon no Game Boy ou no desenho, tanto faz, a evolução da Lunfa era o Lunfardo. A Lunfa evoluía para o estado Lunfardo que era o masculino. A Lunfa era feminina. Quando ela evoluía ela virava um ser masculino, um gigante enorme e aí sim ficava um Pokemon perigoso. Mas era preguiçoso e tem que ter muita tranquilidade e deixar a Lunfa quietinha no seu tempo. Quando virava um Lunfardo, um gigante, ele tinha muita força, mas era muito lento, mas ele tinha muita força, sabe? Aqui estava o Pikachu (*aponta para o chão*) e ele ia lento, então era um verdadeiro gigante no mundo dos Pokemons. Porque...

Gabriel volta para a luz original. A música volta.

Gabriel – Aí eu murmuro e percebo que ela tinha me perguntado alguma coisa. Eu respondo que eu gosto de música e

ela pergunta o que isso tem a ver e e digo que gostaria que ela soubesse disso e ela começa a falar alguma coisa de eu ser estranho e nunca alguma coisa e sempre alguma coisa e fala algo sobre um outro cara. Ela está bonita, com uma calça jeans larga, camisa gola v, cabelo meio curto, corrente no pescoço. Não lembro se a maquiagem que está na cara dela é natural da cara dela ou se foi ela que colocou tudo isso de manhã. Quanta coisa. Eu olho pra cara dela e vejo que tem muita coisa se mexendo, que ela está até suando em um pedaço da cara e que uma das mãos mexe demais numa ponta do cabelo, ela deve estar nervosa. Um dos olhos está latejando, o direito, eu não consigo tirar o olho desse olho que é meio castanho, meio verde azulado tipo mel. Agora ela começou a balançar o queixo, o que ela está dizendo deve ser importante. "Tudo bem", eu ouço. Acho que é uma pergunta, eu respondo que sim, tudo bem. Ela levanta e sai.

Gabriel muda de luz. A música para.

Gabriel – Aí eu lembro de uma coisa que me disseram faz tempo. Que uma pessoa só pode estar exatamente no mesmo lugar em que está. Que ninguém no mundo pode estar um centímetro do lado em que está e que não pode de maneira nenhuma estar em um lugar que não está. Falam que uma agulha tem exatamente a medida de uma agulha e nem um pouquinho a mais. Que um carro não pode ter o tamanho de um carro mais uma agulha, nem se uma agulha estiver dentro do carro. Nem que duas agulhas podem ter o tamanho de um carro mesmo que você amarre uma agulha no carro e um carro na agulha e vice versa. Eu não sei se concordo, mas também não consigo discordar.

Gabriel volta para luz original. A música volta.

Gabriel – Eu vejo que ela foi. Que a gente podia ser tipo uma coisa junta no mesmo lugar. Então eu corro atrás dela, mas ela já está longe. Eu só a alcanço quando ela vai atravessar a rua, mas um ônibus da viação Estrela passa na nossa frente. Estrela sai em disparada e não sei se vou atrás dele ou dela. Me aproximo e falo alguma coisa do tipo: vamos ficar perto, tipo uma agulha num carro. Ela não me escuta, mas nem pergunta de novo, diz que já me falou tudo que tinha pra falar, que agora era tarde demais, que era sempre assim, só quando perdia que...e sei lá não sei onde, que, não sei quando, nem sei quem, além do mais ele estava esperando ela. Eu pergunto quem é ele e ela diz pra eu não ser sonso, que não sei o quê de onde eu sei que ela sabe que eu disse, que ela disse que não ia dizer repetido e eu não entendo. Ela para no ponto pra esperar um ônibus. Estrela vai.

CARTA

Música: Little Person, Jon Brion

Gabriel – As caixas de leite que acabaram de chegar parecem aguardar o que não vai mais existir. As duas toalhas penduradas no box. São duas pela última vez. A partir de segunda-feira vai ser uma só. O chocolate belga estragado que você nunca vai comer mas que vai sempre te lembrar de mim. O mel que eu te dei outro dia e você não gostou também vai apodrecer nessa bancada. A nossa vida que acabou mas insiste em impregnar esse conjugado onde um dia você me trouxe pela primeira vez e eu acreditei que te amaria pra sempre. Por mais que eu leve essas sacolas com as minhas roupas, meus tênis, meus livros, meus cds e tudo que eu acreditei um dia ser nosso; sempre vai ter alguma coisa que foi esquecida, que tá no fundo do armário. Ou um cartão de fidelidade do restaurante que a gente sempre ia. O Felice. E um dia, quando você se mudar daqui, quando conseguir comprar um apartamento de 2 quartos e garagem em alguma rua escondida do Humaitá (porque você sempre gostou do Humaitá), você vai achar esse pequeno detalhe empoeirado no fundo do armário e você vai lembrar de mim. Vai se perguntar se eu estou bem. E eu vou fazer o mesmo toda vez que olhar para aquele minúscula casal em miniatura que você me deu um dia. E eu vou me perguntar quando foi mesmo isso? Quando foi que ela me deu isso? Quando mesmo? E tantos quando, e tanto amor. Então você vai olhar pra esse pequeno detalhe empoeirado esquecido no fundo do seu armário e vai decidir deixá-lo ali para o próximo morador jogar fora. Ou você vai levar com você para os momentos em que secretamente você quiser lembrar de mim. E isso vai te fazer bem. Talvez. E tudo isso agora, nesse instante em que eu entrei aqui pela última vez. Com a chave da sua casa que não está mais no meu chaveiro, que eu vou deixar na portaria do meu prédio na terça-feira pra você buscar. Num envelope. Terça-feira, por volta das 3 ou 5 da tarde você vai passar lá. Antes ou depois da tua aula de gyrotonic que a gente faz com a mesma professora. E talvez um dia ela me diga algo sobre você. Ela, que nunca soube que a gente namorava. Talvez um dia a gente se esbarre. No fim da minha aula, começo da sua. E tudo isso agora, nesse instante em que eu entrei aqui e vi que você arrumou a casa, que você finalmente arrumou a casa. Que eu precisei ir embora pra você arrumar a casa. E ela tá linda. Apesar da rosa que eu te dei na segunda-feira estar morrendo

no vaso. Mas isso não importa. Você arrumou a casa. Você tá bem. Ou pelo menos tá tentando ficar bem. Eu encontrei a vizinha quando eu tava subindo a ladeira. Ela não faz idéia que eu tava vindo aqui pegar minhas coisas. Aqueles sacos cheios de roupas, tênis, livros, cds e tudo que eu acreditei um dia ser nosso. Ela me perguntou como você tava, que era para eu te mandar um beijo. Eu disse que você tava em São Paulo. E só. Não sei se ela notou alguma coisa estranha comigo mas isso também não importa. Foi bom escrever isso tudo pra você mesmo sabendo que você nunca vai ler. Talvez você veja isso um dia numa peça de teatro e eu me pergunto se estou te expondo. Acho que não. Troquei os nomes mas o endereço continua o mesmo. Fica bem. Um beijo. PS: Vi um livro com bilhete em cima da mesinha, achei que era pra mim. Mas o bilhete era da autora falando que o protagonista do livro ia gostar de te conhecer. Engraçado que ele tem o mesmo nome que eu. PS2: Deixei um prestígio em cima das tuas correspondências. Custei a achar. Fui em 3 supermercados, só achei no posto. Pra acabar como começou, naquela festa que eu dei na minha casa. Você fingiu achar que era meu aniversário e me deu um prestígio de presente. Ah. Qualquer coisa liga. Se cuida.

SONHO

Música: I'll Take the Rain, R.E.M.

Gabriel – Quando eu percebo, eu estou andando perdido numa paisagem meio urbana que me lembra São Paulo, mas meio que em um lugar isolado. Eu começo a andar e tenho a sensação que estou andando sem rumo, mas ao mesmo tempo eu sei que não estou. Parece que cada vez que eu tento, mais eu estou me afogando nessa cidade, nesse concreto, nessa estrutura desértica. É uma sensação de que eu estou querendo alcançar uma coisa, mas quando eu estou quase, quase, quase, quase, recomeça tudo. Sempre começa a chover nessa hora. Começa a chover e eu fico olhando assim longe e tem várias luzes acesas e tem a cidade que é fria e eu olho e queria estar num aconchego porque eu estou na chuva, no meio da cidade. Eu sempre olho pela janela pra ver se está acontecendo qualquer coisa lá dentro, mas não tem onde entrar. Eu ando muito e quero entrar em qualquer lugar, mas não tem lugar. A verdade é que eu estou muito longe de onde que eu gostaria de estar. De qualquer forma, em lugar nenhum eu estou em casa. Eu estou em São Paulo...em São Paulo, eu estou muito em São Paulo, dentro de São Paulo. E as coisas não tem porta nem janela, eu olho e não tem porta nem janela, não tem por onde entrar. Sem porta e sem janela. Os lugares dessa cidade são tampados com tijolos ainda não pintados e eu caminho e não consigo achar lugar pra entrar porque simplesmente não há. É uma cidade sem orifícios e eu fico pensando se são passagens subterrâneas ou se entra pelo teto. E não tem uma alma viva. E eu só vejo essas luzes, lá em cima, no horizonte, ali...talvez em cima de um morro e talvez umas sombras ao mesmo tempo e eu nunca chego lá. É como se fosse uma paisagem. Só que essas sombras que ficam se movendo, eu fico pensando, será que são pessoas que se movendo ou será que é o vento tipo em uma cortina se mexendo? Essa chuva, eu fico torcendo pra ela aumentar ou diminuir porque seria uma mudança, mas ela fica sempre igual e é uma sensação de angústia que vai aumentando e eu sinto como se fosse uma cosquinha pelo corpo inteiro que chega uma hora eu não aguento mais. Eu tento me movimentar, mas não consigo me mexer rápido. Não consigo parar nem correr, só consigo ficar andando, andando, nesse ritmo. Aí eu vejo uma moça...e é como se eu estivesse bêbado. Aí acaba.

SECRETÁRIA ELETRÔNICA

Música: Gravação de secretária eletrônica.

Obs.: Esta cena é uma inversão. No iPod está o texto. Gabriel toca e canta a música *Little Person*, de Jon Brion.

Som de telefone chamando. Uma secretária eletrônica atende. Estrela deixa mensagens de um lugar cheio de gente, barulhento, repleto de ruídos. Enquanto isso, Gabriel toca violão.

Estrela – Alô? Você está aí? É Estrela. Me atende. Ahm...É...eu estou te ligando pra saber se está tudo certo de hoje. Combinado, né? Espero que sim. Estou chegando aqui agora. Beijós.

Fim da ligação. Alguns segundos o telefone toca novamente.

Estrela – Oi! Você não vem não? Está muito bom aqui. Tem um pessoal muito maneiro. Já comecei a beber, hein?! Vê se chega logo. Beijinhos... Aaah, é Estrela de novo.

Fim da ligação. Alguns segundos o telefone toca novamente. Estrela está aparentemente ficando bêbada.

Estrela – Eu de novo. Estou chata, né? Me atende! Eu quero te ver logo! Já comecei a beber, deu pra perceber, né? Aconteceu uma coisa agora muito engraçada: um cara chegou pra mim e falou “você é linda, parece uma estrela”. Eu falei “sou mesmo”, ele não entendeu nada e foi embora. Hahaha Senti sua falta! Vem, vem, vem! Beijo de novo.

Fim da ligação. Alguns segundos o telefone toca novamente. Estrela está bêbada e canta um pedaço da música que Gabriel está cantando, mas não a mesma parte que ele canta.

Estrela – Oi de novo! Essa música sempre me lembra você. Tocou aqui ainda agora. Espero que esteja chegando. Beijo, beijo.

Fim da ligação. Alguns segundos o telefone toca novamente. Estrela está completamente bêbada.

Estrela – Porra! Você vai me deixar aqui sozinha? Babaca! É sempre assim mesmo, a gente não pode confiar em ninguém que a pessoa abusa. Depois eu falo umas verdades pra você e você fica com essa cara de bobo. Me liga agora ou então a gente vai brigar sério. Tchau!

Fim da ligação. Alguns segundos o telefone toca novamente. Estrela está falando com alguém e não percebe que a ligação já começou. Muita algazarra ao fundo.

Estrela – Não... vou ligar sim. Vou ligar. Me dá meu telefone! Oi! Hahaha Aqui, desculpa, exagerei aquela hora, é que fiquei com raiva. Encontrei um pessoal aqui, se você quiser vir ainda (*com as pessoas, em meio a risos*) Cala a boca, gente! Eu estou no telefone...Oi, hein?! Vem...deixa de bobeira. Aposto que você está *pensando...*(*se distrai com alguma coisa*) que isso?! Oi! Hahahaha Viu? Ligue! Hahahaha (*começa a falar alto com os outros antes de desligar.*)

Última ligação de Estrela. Última tentativa. Ao fundo da ligação, caos total.

Estrela – Oi? Alô? Me ligou?

A ligação cai.

REUNIÃO DE FAMÍLIA

Música: Capullito de Alelf, Caetano Veloso

Gabriel – Minha mãe pediu pra eu chegar meio-dia em ponto porque meus tios precisam ir embora às 13 horas no ônibus pra Guarapari ou Guaratiba ou Guaratinguetá ou Guarujá ou Guadalajara ou Guaraná. Fiquei tentando lembrar se existe uma cidade chamada Guaraná e acho que existe sim, porque sei que existe o sobrenome e se existe o sobrenome é provável que, sei lá, um ou dois Guaranás tenham se destacado e virado nome de rua, vila, ou ganhado uma estátua ou placa por onde passe um ônibus que meus tios vão pegar às 13 horas. Chego na casa da minha mãe e ela me recebe igual uma avó e meu pai me recebe igual um avô e e meu avô parece distraído e não me vê. Parece que existe um monte de pele solta e mole por cima dos ossos e dos músculos deles. O importante é que fizeram empada. Gosto de empada porque é um alimento detestável. Empada é bom, mas é horrível. Geralmente ela é muito pequena e cheia de canto e quando a gente vai comer acaba indo mais pro canto do que pra gente mesmo porque ela cai quase toda no chão, ou na camisa, ou prende na barba ou no pelo do peito. Ela cai toda e fica impossível de ser...apreciada. E dentro tem aquele recheio mole que não gruda na casca e fica tudo molhado esmelhinguindo lá dentro. Empaga é casca e quase toda casca cai no chão. Aí quando a gente termina de comer fica com aquela boca toda oleosa por horas, parece que passou aquelazinha coisinha...gloss...ou manteiga de cacau, sei lá. (*pausa*) Prefiro empadão. Meus primos estão rindo de mim. Estão falando alguma coisa que eu não entendo. Merda. Penso em xingar eles, mas quando abro a boca, vem um bocejo e num impulso me levanto. Estão meu tio, meu pai e meu avô conversando. Percebo que o meu pai parece com meu tio, mas não parece com meu avô e meu tio parece com meu avô, mas não parece com meu pai. Dizem que eu pareço com meu avô e com minha mãe. Então, talvez meu tio pareça com a minha mãe. Não sei. Eles querem conhecer a “norinha”. Meu pai diz que eu ando vendo “estrelas” e meu tio diz que eu sempre fui do mundo da lua. Não acho a menor graça. Aí eles contam uma piada de um gay no proctologista. Riem de novo. Não acho a menor

graça. Vou pra cozinha, seguindo o cheiro da empada. Tem empada, alguma carne, uma salada e... A minha geladeira é vermelha? Desde quando ela é vermelha? Ela sempre foi assim? Quero fumar um cigarro, mas essa coisa da geladeira... Eu preciso perguntar pra minha mãe. Já estão todos comendo. Não tem cadeira pra mim. Falam pra eu pegar um banquinho na cozinha. Sento e como em silêncio, se é que eu havia falado alguma coisa antes. Não ouço ninguém falar também, mas vejo as bocas se movendo. Meus tios vão embora mas antes deixam um presente para mim. Não quero nem abrir. Já sei que são meias.

FITTER HAPPIER

Música: *Pulk Pull Revolving Doors*, Radiohead

Ao fundo, surge, aos poucos, a letra de Fitter Happier, de Radiohead. Para cada trecho, uma luz acende. Gabriel não vê o que está escrito. Gabriel pode apenas dizer sim ou não.

Gabriel – O fato de não haver mais ou menos é devastador.

*Em forma, mais feliz, mais produtivo,
confortável,
sem beber demais,
exercícios regulares na academia
(3 vezes por semana)
se relacionando melhor com seus sócios e empregados,
à vontade,
comendo bem
(nada de comidas de microondas e gorduras saturadas),
um motorista mais paciente e melhor,
um carro mais seguro
(um bebê sorrindo no banco de trás),
dormindo melhor
(sem pesadelos),
sem paranoia,
cuidadoso com todos os animais
mantendo contato com velhos amigos
(desfrutar de uma bebida de vez em quando),
Frequentemente checar o crédito no banco (moral)(um buraco na parede),
favores por favores,
apaixonado, mas não amando,
ordens permanentes de caridade,
aos domingos super-mercados "anéis viários"
(não matar traças ou colocar água fervente em formigas),
lavar o carro
(também aos domingos),
já sem medo do escuro ou das sombras do meio-dia
nada tão ridículamente adolescente e desesperado,
nada tão infantil - em um ritmo melhor,
mais devagar e calculado,
sem chance de escapar,
agora empregado de si mesmo,
em causa (mas impotente),
um membro da sociedade informado e habilitado
(idealismo, não pragmatismo),
não vai chorar em público,
menos chances de doenças,
pneus que aderem no molhado*

*(foto do bebê com cinto de segurança no banco traseiro),
uma boa memória,
ainda chora em um filme bom,
ainda beija com saliva,
não mais vazio e frenético como um gato amarrado a um pedaço de pau,
que é levado à merda do inverno congelado
(a capacidade de rir de fraqueza),
calmo,
em forma,
saudável e mais produtivo
um porco em uma gaiola de antibióticos.*

COLAGEM

Música: *Empty Bed Blues*, Bessie Smith

A música toca bem baixinho. Gabriel fuma um cigarro eletrônico como quem quer relaxar. Aparentemente não consegue. Anda de um lado para o outro, com certa aflição. Existe uma diferença entre falar com o público e falar para o público.

Gabriel – Hoje um velho morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Mas nada disso tem importância. E as coisas não tem ligação, não se conectam: a morte, Deus, um velho. A gente sempre acredita que vai ficar velho, a gente sempre acredita que é Deus, a gente sempre acredita que não vai morrer. E morre.

Não, não, isso aqui não é real. Vocês querem acreditar nisso, mas não é real. Eu quero dizer, não é possível que isto aqui exista, que nós estejamos aqui e que eu seja uma pessoa chamada Gabriel. O Gabriel só está aqui nesse momento, nessa fração de segundo. A maior parte do tempo, ele estará morto ou ainda não nasceu. *(pausa, ouve um pouco a música)*

Bessie Smith? Um cantora negra. Ela já morreu. De carro. Bateu o carro e morreu. 75 anos atrás. Mas isso não faz a menor diferença. Aliás, nada tem importância se eu não tiver coragem para seguir escolhendo algo verdadeiro. O que que eu tenho se eu organizo a minha vida como se ela fosse uma gaveta? Eu me coloco de fora e separo tudo: aqui tá o domingo, aqui o amor da minha mãe, a estação do metrô, uma visita...

Pausa, ouve um pouco a música. Aí lembra de uma história antiga, que não sabe nem se é sua, mas conta-a com fervor.

Gabriel – Um dia desses eu fui ao dentista. No rádio, diziam que era o dia mais quente do ano. Mas eu estava vestindo uma jaqueta porque ir ao médico sempre me soou como uma situação um tanto formal. No meio do seu trabalho, o Doutor me disse: Porque você não tira a sua jaqueta? Eu disse: eu tenho um buraco na minha camisa e é por isso que eu estou com a jaqueta. Ele disse: Eu tenho um buraco na minha meia e se você quiser, eu tiro os meus sapatos.

Ao fim, volta ao tom confuso-contemplativo de antes.

Gabriel – E aos poucos, Estrela, vamos desenhando com nossos movimento uma figura idêntica a das moscas que voam numa carniça: daqui pra lá, de repente dão meia volta, de lá pra cá. Freando em seco e arrancando no mesmo instante em outra direção, e tudo isso vai tecendo um desenho, uma figura, algo inexistente como eu e você, dois pontos perdidos dançando pra ninguém, nem sequer pra eles mesmos, uma figura interminável sem sentido.

Ela tá sempre um passo a minha frente. É por isso que a gente nunca se encontra. Por uma fração de segundo eu consigo ver seus olhos. Um minuto depois ela já não está mais ali. Ela não está mais. E eu me pergunto se algum dia ela realmente esteve. *(pausa)*

Mas depois, bem depois, quando a plateia já tiver ido embora, quando o tempo já não for presente, tudo isso será verdade. A morte de um velho, a voz de Bessie Smith, uma pessoa chamada Gabriel...

A música cresce e acaba. Gabriel fuma por um tempo, em silêncio.

COCA-COLA

Música: *Singing in the rain*, Gene Kelly

Gabriel coloca uma capa de chuva. No letreiro, ao fundo, surge a seguinte sentença: BEBA SEM PARAR. Ele pega uma garrafa de Coca-Cola 2 litros e bebe, de uma só vez, até acabar.

FESTA

Música: *Indo Silver Club*, Daft Punk

Gabriel está numa festa. Está desconfortável. Quando as luzes se apagam, ele dança loucamente. Quando as luzes acendem, ele para, com vergonha.

CENA FINAL

Música: *Bim Bom*, João Gilberto (em loop)

O Ipod toca Bim Bom – João Gilberto. Gabriel encara a plateia com um olhar forte, penetrante, algo como a loucura de Jack Nicholson. Ouve um bocado de música e ameaça duas vezes começar a cena, mas preocupa-se em saber se terá dentro de si toda a energia que necessita.

Gabriel – Eu chamo o ônibus. É barulhento, barulho agudo e doído de freio. Dói o ouvido. Viação Estrela, é esse. Eu entro. Lá dentro o trocador me olha, mas pouco. Ele me olha pouco e logo me desolha para olhar uma moça atrás de mim. Eu olho e ela é feia. Ela fala com o trocador e gesticula muito, parece nervosa ou irritada, quase grita. A moça feia fica bonita quando grita. A cara dela toda se mexendo, convulsa, sei lá, melhora e, de novo, não entendo porquê. Ela se acalma e como é feia. Eu sento logo na frente do ônibus e tento ficar quieto, mas não deixam. Uma velha que parece minha mãe ou minha vó puxa assunto e repete mil vezes sobre sua solidão, suas dores e a ingratidão de seus filhos. Fala que eles moram numa cidade que fica bem longe, Guaraná. Não me lembro. Eu só aceno em silêncio e algumas vezes faço uns sons. Um senhor idoso entra e todos me olham para dar lugar a ele. Levanto e vou pro meio do ônibus. Puta, como fede. Fede a suor, a suor seco, de trabalho, à marmitta velha, aguada, vazia, azeda, a caldo de ensopado podre, desodorante barato. As pessoas são feias, irritantes, deformadas, bocas tortas, testas olesoas. Elas falam, os rádios são barulhentos e a rua, toda aquela coisa do lado de fora, meio que me isola. Aqui dentro é um pedaço do mundo reduzido, pequeno e insuportável. Eu penso na praça, na cantora negra e morta, negra como a cola-cola, escura como a festa, e numa geladeira vermelha, e num batizado, e num amor perdido e num apartamento com um livro e um bilhete, num chocolate prestígio. Penso num Lunfardo e em mim como uma agulha num carro. Penso no meu médico, penso no cheiro de morte de um hospital e da bola de pus do bisturi gigante. Penso em você sorrindo, Estrela, e em toda sua violência que ri. Sobe uma raiva, outra, de todas essas coisas e de todo aquele lugar e tudo que ainda lembro que existe. E ainda tem a música...

Ouve o refrão se repetir.

Gabriel – Chega meu ponto. Eu pressiono minha mochila pra tentar não encostar nas pessoas porque tenho nojo disso tudo. Não quero esbarrar em ninguém. Não quero e acho que não posso, mas quando estou rente à porta um senhor, o mesmo que sentou no MEU lugar, me encosta, me esbarra e eu trombo na menina feia e bonita. O ônibus para e a porta dos fundos abre. Velho desgraçado. Filho da puta! Ele pede desculpas, mas não escuto. Com uma força que não

sei de onde vem, sinto uma vertigem do calor ou do sol, armo meu corpo, me equilibro e chuto as costas do velho que, mole, cai ônibus abaixo. Assim ó...

Faz o gesto do chute, sorrindo com o olhar quase louco. A música sobe.

Gabriel - Ele cai no meio-fio, sangra, está desacordado, eu acho. Não presto atenção em nada disso, sei lá, não sei, algumas coisas simplesmente não tem explicação.

A música para. Gabriel vai até a boca da cena, vacilante como no início.

Gabriel - Hoje eu matei um velho. Ou ontem não sei ao certo, mas nada disso tem importância. Nada disso, nem ninguém.

FIM